

A manutenção da persona depressiva de Lana del Rey: especulações e performances na construção de sua “imagem estrelar”¹

Lívia Maria Pereira²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Luísa Dias Meneses³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Investigamos como Lana Del Rey construiu sua imagem estrelar baseada na associação entre uma estética melancólica e uma suposta fragilidade psíquica. Trabalha-se com a hipótese de que essa imagem baseada na vulnerabilidade adquire um caráter de verdade que conecta sua vida midiática à sua vida privada, criando uma rede de especulações. Analisamos entrevista concedida ao *The Guardian* (2014) para compreender a dinâmica performática que sustenta e retroalimenta a construção dessa imagem. O objetivo é compreender os mecanismos pelos quais a imagem estrelar de Lana se estabeleceu e de que maneiras ela se transforma ao longo da trajetória da artista.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Performance; Especulação; Autoficção; Saúde Mental; Teatralidade.

INTRODUÇÃO

Desde seus primeiros lançamentos, a cantora norte-americana Lana Del Rey foi associada a uma imagem de fragilidade emocional e sofrimento psíquico. A ideia de que para além do uso estético a artista era, de fato, uma pessoa clinicamente depressiva e estava em suas músicas relatando suas questões psíquicas, tais como episódios depressivos, pensamentos suicidas e vício em substâncias, teve grande impacto na forma como seu trabalho foi recebido tanto pela crítica quanto pelo público. Essa associação entre vida e obra, cultivada por letras melancólicas, visuais nostálgicos, performances

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Cultura Pop e Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: livia.mariapereira@ufpe.br.

³ Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: luisa.meneses@ufpe.br.

introspectivas e declarações sobre sua própria saúde mental, alimentou uma aura de autenticidade em torno da figura artística de Lana Del Rey, reforçando a percepção de que sua música seria uma expressão direta de sua experiência pessoal.

Partindo da análise de seus videocliques, podemos observar a utilização elementos que remetem a uma atmosfera onírica, trágica e patriótica, expressões corporais contemplativas e emocionalmente intensas, voz sussurrada e corpo lânguido, além de narrativas que referenciam artistas como Sylvia Plath, Kurt Cobain, Amy Winehouse e Marilyn Monroe, figuras intensamente lembradas pelas suas questões de saúde mental, seus vícios e suas mortes trágicas. Também observamos na obra de Lana uma forte alusão à atmosfera de glamour decadente dos anos 1920, 1950 e 1960, que representa um imaginário de tragicidade da burguesia norte-americana da época, estética reforçada pelo cinema em obras de autores como David Lynch. Assim, vemos que Lana parece se estabelecer enquanto artista musical dentro da chave do “*sadcore*”, termo catalogado pelo guia de referência de gêneros musicais AllMusic como uma vertente musical do rock alternativo/independente que se apresenta como uma música “lenta, frágil e angustiante, feita por e para pessoas deprimidas”⁴. É com base nessas referências que Lana, munida do que chamamos aqui de “*persona depressiva*”⁵, parece construir as bases simbólicas da sua imagem estelar (Dyer, 1998) – uma mulher frágil, romântica, nostálgica e triste – articulando elementos visuais, sonoros e narrativos de sua estética melancólica que, a partir da sobreposição desses elementos com suas aparições e declarações em público, abre margens para interpretações especulativas sobre sua suposta vulnerabilidade psíquica.

Fundamentado em leituras teóricas provenientes dos estudos de celebridade, performance e da cultura pop, bem como nos debates e análises desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (GruPop/CNPq), a pesquisa atual se dedica a investigar, em um primeiro momento, os mecanismos pelos quais essa “*persona depressiva*” se estabeleceu na carreira de Lana Del Rey. Isso endossa

⁴ **Sadcore**. AllMusic. Disponível em: <http://allmusic.com/style/sadcore-ma0000012286>. Acesso em: 03 maio 2025.

⁵ A ideia de *persona* aparece em Dyer (1998) como uma imagem pública construída, composta por elementos que se articulam em diversas mídias e discursos, como filmes, entrevistas, aparições públicas, publicidade, *fofocas*, etc. Essa *persona* não se refere ao “verdadeiro eu” da celebridade, mas sim uma construção simbólica, um conjunto de signos e significados que comunica valores sociais, ideológicos e culturais.

a hipótese que orienta a pesquisa, de que, ao adotar uma estética melancólica nos videocliques e performances iniciais, Lana Del Rey teria contribuído para a construção de uma imagem estrelar (Dyer, 1998) que vincula sua identidade pública a um estado de saúde mental frágil.

Em um segundo momento, buscamos entender de que maneiras essa imagem se transforma ao longo da trajetória da artista, que parece operar dentro de uma chave performática de negociação com as circunstâncias (em entrevistas, por exemplo), ora reafirmando e compactuando com a narrativa da sua persona pública, ora se afastando. Para tal, será realizada uma análise de uma entrevista que Lana concedeu ao jornal inglês *The Guardian* em 2014, observando-a à luz dos Estudos de Performance como um dispositivo de racionalização e manutenção dessa narrativa. A análise incluiu os desdobramentos gerados pela entrevista, como a resposta pública de Lana, a tréplica do jornalista e a possível referência ao episódio em uma de suas músicas posteriores, marcando uma lógica especulativa a qual a artista se insere.

Compreender a dinâmica dessa construção e manutenção imagética revela-se essencial para uma análise da complexa interação entre a produção artística, a recepção midiática e a representação da saúde mental no contexto da cultura pop contemporânea, tensionando as fronteiras entre performance artística, narrativa midiática e especulações sobre saúde mental.

METODOLOGIA

Adotou-se como metodologia inicial uma adaptação para Estudos de Performance do método da constelação fílmica (Souto, 2020) voltado à análise de diferentes produtos midiáticos a partir de suas inter-relações estéticas e simbólicas. No caso desta pesquisa, o método foi aplicado ao universo performático de Lana Del Rey, considerando o recorte empírico dos três videocliques com maiores visualizações no Youtube do início de sua carreira: *Born to Die* (2012), *Summertime Sadness* (2012) e *Young and Beautiful* (2014). Os três apresentam os elementos que identificamos enquanto basilares para a formação da imagem estrelar (Dyer, 1998) de Lana del Rey. Foram montadas pranchas com diferentes materialidades, o que inclui frames de videocliques, análise de figurino e maquiagem, letras de música, expressões corporais, referências e simbologias. Tais elementos expressaram associações com a melancolia e a fragilidade psíquica, como a

utilização de filtro sépia, expressão facial “perdida”, câmera instável, letras com referências à morte e a loucura e a utilização de drogas (cigarro) como elemento narrativo.

A partir deste entendimento, analisaremos a entrevista de Lana Del Rey ao jornal inglês *The Guardian* em 2014. O objetivo é compreender, sob a lente dos Estudos de Performance e da Teatralidade (Soares, 2021; 2023; Féral, 2015), como essa imagem é negada e/ou reiterada de maneira performática por Lana em suas aparições, explorando o arco performativo que nasce a partir dela que envolve ainda o pós-entrevista com o “embate pela verdade” entre o jornalista que assina a matéria e a artista sobre uma das declarações de maior repercussão midiática da sua carreira. A entrevista foi escolhida por conta de sua ampla repercussão na carreira da artista, articulando movimentos que ultrapassaram o âmbito jornalístico. A frase “Queria estar morta” dita pela artista na entrevista foi disseminada entre os fãs, se transformando em meme e ultrapassando as fronteiras do seu fandom, se consolidando como uma espécie de “patrimônio” da internet e integrando parte do vocabulário online. Como afirma o site do projeto #MUSEUdeMEMES, da Universidade Federal Fluminense (UFF), “depois da popularização de sua peculiar forma de se expressar, “querer morrer” nunca foi tão comum e pode ser por qualquer coisa ou situação: uma conversa desconfortável, um dia tedioso procrastinando em casa, uma fuga mental inapropriada”⁶. Tal frase é particularmente interessante para a pesquisa desenvolvida por dois motivos: sua popularidade midiática, expandindo-se para além dos fãs da artista e se tornando uma frase banal, e por funcionar como uma expressão verbal racionalizada da sua imagem estrelar (Dyer, 1998) depressiva e marcada por elementos que remetem ao suicídio, de forma que se torna escolha coerente para a análise proposta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise feita se baseia nos Estudos de Performance e na teatralidade, tendo como suporte os autores Soares (2021; 2023), Féral (2015) e Sibilia (2015). O conceito de imagem estrelar (Dyer, 1998) também é utilizado para embasar a hipótese, além dos pensamentos de alguns autores para contribuição de alguns conceitos, como Arild Fetveit

⁶ Queria estar morta. #MUSEUdeMEMES. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/queria-estar-morta>. Acesso em: 04 maio 2025.

(2015) e seu conceito de estéticas precárias. Além disso, pesquisas de autores como Fredrika Thelandersson (2023) e Patrick Usmar (2014) ajudam a situar Lana Del Rey dentro do fenômeno cultural da “*sad girl culture*”, em que a tristeza é performada como identidade e mercadoria.

ANÁLISE E RESULTADOS

A análise dos videoclipes revela que a estética melancólica de Lana Del Rey opera tanto em uma dimensão grandiosa quanto intimista. Em *Born to Die* (2012), há uma construção simbólica que mescla patriotismo e tragédia romântica, com imagens de tronos, bandeiras e desastres amorosos, compondo uma narrativa de dor e glória. Já em *Young and Beautiful* (2014), vinculada ao filme *O Grande Gatsby* (Baz Luhrmann, 2013), reforça-se o imaginário da mulher trágica, bela e efêmera, marcada pelo glamour dos anos 1920 e por um erotismo silencioso. Os dois clipes são bastante cinematográficos e aludem à época de ouro hollywoodiana e à atmosfera de glamour trágico.

Em *Summertime Sadness* (2012), por sua vez, a melancolia é encenada de maneira mais artesanal, emocionalmente crua e analógica, uma narrativa visual que remete à perda, à morte e à nostalgia. Esses elementos se articulam com o que Fetveit (2015, *tradução nossa*) chama de “nostalgia análoga” e “mediação precária”, em que imperfeições técnicas são deliberadamente usadas para evocar uma sensação de autenticidade. A imagem de fragilidade é reforçada também nas obras de Lana pela entonação vocal — muitas vezes sussurrada, rouca, falhada — e pelo uso de referências vinculadas à morte (como Sylvia Plath e Kurt Cobain), que aparecem a partir dos símbolos associados à sua persona.

A partir do entendimento da persona depressiva acionada pela artista e que, por sua vez, contribuiu para o estabelecimento da sua imagem estrelar (Dyer, 1998), a análise se volta para o episódio da entrevista ao jornal *The Guardian*, em 2014, quando a artista afirmou: “Eu queria estar morta” (*tradução nossa*). A repercussão da fala, sua contestação posterior e a ambiguidade performática do encontro com o jornalista revelam a instabilidade entre o discurso público e a encenação da própria tristeza. A entrevista foi interpretada com o olhar dos Estudos de Performance (Soares, 2023), que defende a dimensão performática a que o formato jornalístico está submetido, sendo impossível se desvincular de certo grau de mediação. São identificados elementos performáticos de

teatralidade na fala de Lana, nas perguntas do jornalista e na forma como a cena é descrita por ele, ponto a prova um suposto ambiente de intimidade e verdade. A posterior fala de Lana, a resposta do jornalista Tim Jonze e a própria entrevista alimentaram a especulação sobre sua saúde mental, ao mesmo tempo em que reafirmaram sua persona artística como confusa, vulnerável e pouco confiável — elementos que retroalimentam a sua imagem estrelar (Dyer, 1998).

CONCLUSÃO

A pesquisa buscou demonstrar como a estética melancólica de Lana Del Rey constitui um projeto artístico que formula e reafirma sua imagem estrelar (Dyer, 1998, *tradução nossa*), vinculada à ideia de uma suposta instabilidade psíquica. Essa imagem, articulada desde o início de sua carreira, especialmente a partir da adoção de uma “persona depressiva”, passa a operar como objeto de consumo cultural e de especulação midiática, servindo simultaneamente à narrativa da artista e às dinâmicas do mercado da música e da cultura digital. A análise aponta, assim, para a necessidade de compreender tais construções como dispositivos performáticos que tensionam os limites entre autenticidade e encenação, entre o real e a estetização.

REFERÊNCIAS

DYER, Richard. **Stars**. Bloomsbury Publishing, 1998.

FETVEIT, Arild. Death, beauty, and iconoclastic nostalgia: Precarious aesthetics and Lana Del Rey. **NECSUS. European Journal of Media Studies**, v. 4, n. 2, p. 187-207, 2015.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras**, v. 17, n. 3, 2015.

SOARES, Thiago. Abordagens teóricas para estudo da teatralidade em performances midiáticas: dramas, roteiros, ações. **Alceu**, v. 21, n. 43, p. 210-227, 2021.

SOARES, Thiago. Performance e capital especulativo na música pop. 2023.

SOUTO, Mariana. Constelações fílmicas: um método comparatista no cinema. **Galáxia (São Paulo)**, p. 153-165, 2020.

THELANDERSSON, Fredrika. **21st century media and female mental health: Profitable vulnerability and sad girl culture**. Springer Nature, 2023.

USMAR, Patrick. Born To Die: Lana Del Rey, Beauty Queen or Gothic Princess?. **M/C Journal**, v. 17, n. 4, 2014.